



Desesperadamente, eu sinto em português

Por: Aurora Miranda Leão¹

Por que será que a poesia
Cutuca tanto a saudade
E mais ainda espezinha
Quando o azul venta frio
E o céu anuncia chuva?
Melhor deixar a profundidade
De lado, seguir a lição
Do rapaz novo encantado
Com 20 anos de amor
Que não voltou pro sertão

Como ele também não preciso
Que me digam onde nasce
O sol no nosso Ceará
Meu coração só voa porque bate lá.

Quero é contar das coisas boas
Que também são novas
E aprendi nos discos com ele
Belchior, Poeta Criador, letrista inspirado
Menestrel prosador, cearense Musical
Dos loucos amores, sonhador Universal

¹ Jornalista, poeta e doutoranda em Comunicação pela UFJF. Pesquisa Dramaturgia, Sertão e Gênero. É editora do blog Aurora de Cinema: www.auroradecinema.wordpress.com.



Palavras, sons, imagens
Ritmos, letras, afetos
Versos tristes, rimas ricas
Conterrâneo Belchior, artista intemporal
Que vazio aqui deixou você

A falta tua agiganta-se
Nestes tempos selvagens
De conexão superficial
Medos soturnos, patologias íngremes
Laços frágeis, concretas solidões
Proliferam incertezas, espalham síndromes
Insanidades avultam, desvarios em amplidões
Prolongam descompassos, caducam afetos
Arautos das falsas notícias
Acentuam exclusões

Novas dores a todo instante
Cravam dias nos quais a alucinação
Bêbada em redemoinho intemporal
Perdeu qualquer parâmetro
Desapreço há pelo partilhar
Violências descomuns flertam o insólito, violam o ancestral
Enganos, tropeços e dismantelos desumanizam
Insano culto à Inteligência Artificial
E o delírio afirma a inconsistência das coisas reais...
Não somos mais os mesmos
Dos romances astrais, das praias musicais
E onde andamos nem perguntar adianta mais
De que lado nasce o sol, quase todos esqueceram
E o velho blusão de couro já nem o passado lembra
Quisera voltar para o sertão



Onde o sonhar pode ainda ecoar
Pois agora nem mais o infinito há
No mar bacana daquela juventude de Copacabana

Muitos outros se perderam sem no rádio tocar canções
Nem conversar ou ouvir pessoas
Gritar pelos muros do país
Parques, praças, viadutos
Que só interessa a teoria de amar e mudar as coisas

O tempo mexeu com a gente
Sim, lembrando aquela frase
Do temor de encontrar a solidão
Punhal que corta e amiúde nos espreita
Como fantasma escondido no porão

Não, nunca mais seremos os mesmos
E de amor nem mais os analistas entendem
Talvez conforto almejar, quem sabe alcançar
A emoção que guardei buscando encontrar
Num beijo de novela, num frame de cinema
Ou abraço ocasional, inesperado lampejo
Qual flor no manguezal
O coração selvagem que tanto escondi

Embora, quem sabe, oxalá como nossos pais
Nesta sombra de agora, o batom na camisa
E a colorida roupa de outrora que tanto precisamos
Não mais velha esteja
E embalde o sonho desadormença tão fácil
Aquele rede branca ainda conserve no sertão
O brasileiro charme de alguém sorrindo a cismar



Longe da pressa de viver

Energias de aurora, imaginar, reconectar
Galos, noites e quintais como Aldemir pintou
E a poesia tua eternizou, nos almoços da sala
Nas tintas de batons, jamais sem emoção
Letrando canções, sempre com mania de paixão
E de incontido amor derramado

Porque não foste tu, mesmo ano passado morto
O desvairado louco, de peito deserto e boca lacrada
Que sem motivo a vida pensou desvanecida
Sem romance, flor ou guarida

Esqueceu aquele brutamontes quanto a imaginação
É intensa e desmedida e a glória feminina
Existe, não é só ilusão
O lacrimoso olhar que já não escondemos
Traz imensa saudade da poesia tua
E dos versos teus que tanto encheram
De coragem e delírio o copo vazio
Molhado pelo beijo roubado naquela estação
Com a fumaça azul do cinema

Hoje, das artificiais inteligências, cheias de distância
Nem sequer se esperam novas coisas boas
E da vida ninguém mais quer ser estudante
A gente nas ruas parece perdida
Sem saber qual futuro, se encontrará abrigo
Se há porvir, sentido ou chance de vida



À noite namorar ficou tão sombrio
Fugaz e descartável, embora ainda há gente que insista
Em desacreditar, e o que mais se vê são namoradas a correr
Fugindo de quem um dia amaram, mas em monstros cruéis se tornaram

Quem sabe por ora só nos reste mesmo
Mágoas e lamentos afogar nas águas fundas do mar
Porque não mais há cavalheiros dispostos
De sorriso ingênuo e franco
A buscar estrelas para nos cativar
E à beira-mar nos entregar